

A REINVENÇÃO DO MARACATU ALAGOANO NO SÉCULO XXI COMO MITO FUNDADOR DE UMA NOVA ALAGOANIDADE

Alicia Poliana Ferreira¹

Resumo: Este artigo propõe-se analisar a reinvenção do Maracatu em Alagoas no século XXI, pelos novos mediadores culturais oriundos da classe média alta alagoana que vão procurar cunhar uma relação de pertencimento com a cultura popular afro-alagoana à medida que os mesmo movimentos culturais tentam reinventar uma nova identidade cultural alagoana. Entretanto, não sem levantar polêmicas e questionamentos de pertencimentos étnicos e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Maracatu, cultura popular, identidade alagoana.

Introdução

Nossa proposta de trabalho busca mostrar o modo como se constituiu as manifestações do folguedo popular de origem negra conhecidos como maracatu desde o começo do século XX, até o seu “desaparecimento”, mas sobretudo propõe-se compreender a reinvenção no início do século XXI, deste folguedo popular pelas elites intelectuais e a classe média alta alagoana no período de 2007-2014.

Ainda que não possamos identificar quando e onde o maracatu alagoano iniciou, podemos ainda como hipótese indicar quando ele se findou. É impossível falar de maracatu em Alagoas sem se referir ao “Quebra” de 1912, quando os terreiros de Maceió e adjacências foram destruídos pela Liga dos Republicanos Combatentes por motivo de uma disputa política entre Euclides Malta e Clodoaldo da Fonseca dois velhos representantes das oligarquias alagoanas. Os trabalhos já feitos sobre o tema em Alagoas sugerem que o maracatu alagoano se perdeu com a perseguição engendrada pelos os aparelhos de poder constituídos no período após o “Quebra de Xangô” já que muitos daqueles chefes de terreiro que foram para Recife eram também mestres dos maracatus (RAFAEL, 2004).

A violência engendrada por uma parte da elite alagoana da época foi capaz não só de silenciar nos terreiros, mas igualmente, apagar a presença dos maracatus dos carnavais de Maceió, uma vez que, estes tinham uma relação íntima com as casas Xangôs, muito embora

1 Graduada em História Bacharelado pela Universidade Federal de Alagoas
aliciapoliana@hotmail.com

haja fortes indícios de uma presença negra muito viva em Maceió na virada do século XX, que se faziam presentes através dos folguedos nas festividades de carnaval se misturando e interagindo as camadas mais populares. Com o advento da república e o ideal modernizante e civilizador da *Belle Époque* tornou-se necessário expurgar a presença negra do carnaval alagoano, para de tal modo lhe dar ares cada vez mais europeus, em determinado momento podemos observar através das análises das fontes de jornais que tais manifestações negras passaram a ser mais diretamente hostilizadas nos editoriais e manchetes de notícias dos periódicos da época (CAVALCANTI, 2006).

Entretanto a tentativa de criar uma identidade alagoana passa por um resgate e criação uma memória coletiva da cultura popular de nosso povo, e está sendo feita hoje, sobretudo nos meios acadêmicos pela classe média alta alagoana. O historiador Eric Hobsbawm, nós servirá de base para nossa reflexão ao dizer:

Ora, a história é a matéria-prima para as ideologias nacionalistas ou étnicas ou fundamentalista, tal como as papoulas são a matéria-prima para o viciado da heroína. O passado é um elemento essencial, talvez o elemento essencial nessas ideologias. Se não há nenhum passado satisfatório, sempre é possível inventá-lo. (HOBSBAWM, 2013, p.18)

1195

A reinvenção alagoana

Nesse momento entraremos no terreno das invenções das tradições, pois um dos principais motes desta pesquisa será o de elucidar a reinvenção do maracatu alagoano no século XXI, como uma nova tradição ligada a um passado que servirá de base fundadora para uma nova identidade alagoana. No entanto não há nada de novo nisso, uma vez que em muitas ocasiões às tradições são inventadas pelas elites nacionais para cunhar e legitimar uma identidade nacional a fim de justificar sua existência como nação (HOBSBAWM, 1997).

A oficina de maracatu ministrada pelo mestre percussionista Wilson Santos em 2007, deu origem a um novo panorama cultural em Alagoas, com o surgimento dos grupos culturais de maracatus como o Maracatu Baque Alagoano, formado logo ao fim da oficina, sua dissidência o Coletivo AfroCaeté formado em 2009, com objetivo difundir a cultura afro-indígena de Alagoas e o Nação de Maracatu A corte de Airá do Babalorixá Doté Elias, também fundada em 2009, e que contou com a parceria do Coletivo AfroCaeté, através do projeto de extensão da UFAL “Maracatu no Morro” no seu primeiro ano de existência, sendo a primeira nação de maracatu a ser formada no século XXI em Alagoas.

Refiro-me inicialmente a esses três grupos, pois foram os que fizeram ressurgir o Maracatu em Alagoas, mas atualmente há outros grupos que fazem parte desse novo cenário cultural como: O Maracatu Raiz da Tradição de Mãe Vera, o Coletivo Maracatod@s e o Maracatu Axé Zambi de Mestre Geraldo.

Nesse contexto, articuladores culturais provenientes em sua maioria de uma elite econômica e intelectual ligada aos meios acadêmicos, vão procurar se apropriar e legitima-se como grupos produtores de uma cultura genuinamente popular e alagoana procurando criar assim relações de identidade: o Baque Alagoano por meio da aproximação com os folguedos tradicionais alagoanos como, por exemplo, o coco-de-roda e o Guerreiro, o grupo de percussão Coletivo AfroCaeté, formado ex-integrantes do Baque Alagoano que saíram após divergências ideológicas, vão buscar uma maior aproximação com os terreiros de Maceió como uma forma de difundir a cultura afro-religiosa. Já o maracatu nação A corte de Airá o único grupo oriundo da periferia que se encontra atualmente em vias de encerrar suas atividades por estar passando por dificuldades financeiras, irar buscar sua legitimidade na coroação de rei do maracatu nação, pois para o sacerdote e rei do maracatu Doté Elias, só através da coroação sua nação se legitimaria perante a sociedade alagoana. A despeito disso, para Doté Elias, mais de qualquer coisa a coroação seria uma provocação aos setores burgueses da sociedade maceioense que sempre quiseram expurgar a cultura negra do nosso cenário cultural¹.

1196

A reinvenção do maracatu em Alagoas não acontece sem levantar o debate de questões muitas vezes complexas nesse cenário cultural, que vai de dúvidas a críticas se o que se estaria sendo feito seria folclore ou cultura popular e se os grupos devem ter uma vinculação religiosa com as casas de axé. É comum na oficina de maracatu do baque alagoano se usar o termo folclore para designar as manifestações culturais, pois seus integrantes não veem diferença entre um conceito ou outro. Já o Coletivo AfroCaeté e Pai Doté Elias, irão preferir usar o termo cultura popular ao classificar os folguedos populares, pois acreditam que o termo folclore está carregado de preconceitos no qual a cultura das classes populares é tida como inferior estagnada se comparada com a da elite dominante por isso o termo cultura popular seria o mais adequado já que designaria práticas vivas adotadas pelas camadas mais populares no seu cotidiano (THOMPSON, 1998).

Outro debate importante seria a legitimidade das intervenções destes grupos nas casas de axé. O grupo Coletivo Afrocaeté defende sua aproximação com as casas de culto, pois

acreditam nelas como fonte de resistência e propagação da cultura afro-brasileira e alagoanaⁱⁱ, e tem como projeto a difusão do maracatu nas casas de cultos. Não seria essa uma estratégia para legitimar o maracatu como um produto verdadeiramente nosso?

Tais intervenções não ocorrem sem ocasionar uma disputa pelo o direito posse e ressignificação dessa memória coletiva embora alguns ativistas culturais como Ari (consciência) de Oliveira, vejam como benéfica essas intervenções dos intelectuais na periferia, pois esses “jovens universitários estariam implantando a cultura cientificamente na periferia”ⁱⁱⁱ, mostrando aos jovens que o objetivo não é só tocar o instrumento mais supostamente criar uma consciência política nas comunidades periféricas.

Todavia para o percussionista Wilson Santos é preciso parar de intrometer-se no processo de criação das comunidades.

O que essa rapaziada que tem, como é que eu posso dizer, uma formação acadêmica, que tem outro patamar, deve está fazendo (...) não interferir no processo de formação dessas coisas, (...)Se você que formar o seu grupo, beleza, não diga que é cultura popular (...) Isso não é cultura popular, ainda, né. Pode ser até que venha se transformar em cultura popular. Isso é qualquer coisa, mas não é cultura popular, é arte. Você diga que é arte contemporânea (...). E não interfira tanto lá, se for para interferir ensine o cara fazer um projeto, (...) ensine ao cara a caminhar e tal. Mas interferir no processo de criação das comunidades isso me preocupa muito.

É muita burrice dos estudiosos achar que a população, principalmente a população negra, não tem sabedoria. Sabedoria popular é forte (...) com o Maracatu no Estado tem acontecido muito isso, eu acho que as pessoas têm que começar, tentar implantar, se é para implanta no terreiro, vai lá e implanta no terreiro, e deixa o negocio lá, deixa a coisa se desenvolver como tem que ser, Porque que tem que ser nos moldes, por exemplo, da universidade? (...) Isso não nasceu nesses moldes. Agora o doutor disse que tem que mudar, vai ter que mudar o que? Quem tem que dizer as mudanças das coisas da cultura popular é o povo, quem tem que dizer é a rapaziada que está lá vivendo.

O Maracatu tradicional ele vem do terreiro, geralmente ele vem do terreiro, (...) ele não se cria na rua e vai para o terreiro. Ele nasce dentro do terreiro e vai para a rua, é o inverso.

(...) E o grande lance seria levar o Maracatu prós terreiros a sementinha não levar o Maracatu pronto, não adianta, não adianta, isso daí superficial. Tem que levar a sementinha prá para lá, (...) conversar com o líder mostrar, provavelmente ele já conhece os fundamentos e tem muita gente querendo montar Maracatus nos seus terreiros e tal, Maracatu afoxé. Que não tem estrutura mesmo de instrumentos (...). Mais é tentar fazer com que isso aconteça e isso comece de novo sair dos terreiros para a rua, você está entendendo,

porque aí sai com axé, não você trazer uma coisa da rua levar para o terreiro e tentar ter axé (...)^{iv}

No entanto, tais iniciativas não passaram ilesas a críticas de parte do “movimento negro” alagoano por serem em sua maioria de um caráter fundamentalmente culturalista sem uma perspectiva genuína de formação de uma consciência política entre os jovens negros das periferias da capital, a cultura popular acaba por virar uma mercadoria produzida pela classe média para consumo da própria classe média universitária, com quase nenhum acesso aos jovens dos bairros mais pobres de Maceió, já que lhes são negadas as condições para se apropriarem de uma cultura que originalmente seriam produtores.

Como nos fala Doté Elias, rei do Maracatu Nação A corte de Airá:

(...) os gestores não tem essa ideia. É ah, mas vocês tem que cobrar uma taxa, uma taxa com os meninos e tal, não tem, não rola. Vou dizer A corte não é o Coletivo que é formado por pessoas intelectuais não é como o Baque Alagoano que é formado por empresários não é, A corte ela vem da periferia composta de pessoas de periferia quando eu digo isso já dar pra imaginar um salário mínimo, meio salário e não tem nenhuma perspectiva de trabalho e etc. e tal. Eu vou enfiar no pescoço dessas pessoas? ^v

Setores ligados à cultura dominante acabam por se colocar como guardiões^{vi} da cultura afro-indígena tornando-as mais palatáveis ao seu gosto, são inegáveis a intenção de tornar Maceió em polo turístico^{vii} nos moldes de Recife e Salvador, nesse sentido a cultura afro-alagoana tem um papel fundamental através do maracatu que com seu ritmo e dança tem um poder aglutinador enorme entre os jovens, além dos afoxés outro elemento importante nesse novo cenário cultural.

Em um espaço de apenas sete anos desde a primeira oficina de maracatu se disseminou entre oficinairos e batuqueiros a “crença” do Maracatu como uma manifestação cultural verdadeiramente alagoana.

Especialistas garantem que o maracatu surgiu em Alagoas e migrou para Pernambuco no início do século 20. Alguns relatos, inclusive, dão conta de que um dos maracatus mais tradicionais do Recife nasceu justamente em Maceió, no bairro da Cambona.^{viii}

Mesmo que nenhum dos grupos citados coloque Alagoas como produtora genuína do maracatu, em conversas informais entre oficinairos e batuqueiros é fácil notar o processo de construção coletiva de uma memória social, há várias vertentes teóricas nas qual Alagoas aparece como verdadeira origem do maracatu que depois teria migrado para Recife, tornando-se o maior símbolo da identidade cultural pernambucana. A principal delas conta que a Nação

do Maracatu de Baque virado Estrela Brilhante do Recife teria sido fundada por um Pai-de-Santo alagoano fugido do Quebra de 1912 que inclusive teria registrado ela aqui em Alagoas. Segundo o site do Estrela Brilhante ele teria sido fundado em 1906 por Cosme Damião Tavares^{ix}, ou seja, o Estrela Brilhante dá início as suas atividades 6 anos antes do “Quebra de 1912.

Considerações preliminares

O conceito de “circularidade” cultural (GINZBURG, 2006) quando ocorre o trânsito entre a “cultura erudita” que seria produzida pelas elites econômicas e intelectuais, e a “cultura popular” oriunda das classes subalternas e que será usada pelas elites conforme seus interesses em um movimento interação com as culturas periféricas que vão se encontram e se influenciarem mutuamente, é um conceito chave que não pode deixar de ser pensando neste trabalho. Todavia, essa “circularidade” cultural não se dará de forma harmoniosa, mas no âmbito dos conflitos e negociações indenitárias de recriação de uma memória coletiva.

Em suma, mesmo que a reinvenção do maracatu em Alagoas constitua uma “nova” identidade cultural alagoana, ela não irar carregar consigo só memórias dos eventos e conflitos do passando, mas, sobretudo os conflitos do tempo presente contidos no discurso social destes indivíduos que são representantes de vários segmentos sociais e carregam consigo pertencimentos identitários diversos e conflituosos.

1199

Fontes e Referências bibliográficas

Entrevistas:

Entrevista feita com Christiano Barros, feita por Eudson Santos, no dia 09 de Setembro de 2010, em Maceió.

Transcrição da Entrevista com Wilson Santos sobre o Maracatu em Alagoas, feita por Carlos Eduardo Ávila, no dia 08 de Setembro de 2010.

Entrevista com Pai Elias, representante do Maracatu Nação A corte de Airá, feita por Eudson Santos, 02/08/2010.

Entrevista com Rômulo, integrante e fundador do Baque Alagoano, feita nos dias 01 e 02 de Setembro de 2010 por Vanessa Elisa da Silva Correia.

Entrevista com Pai Elias, representante do Maracatu Nação A corte de Airá, feita por Alicia Poliana Ferreira. 27/03/2014.

Livros:

- AMORIM, Maria Aparecida Blaz Vasques. História, memória, identidade e História. 2012.
- ALMEIDA, Sávio de. O negro na construção do carnaval do nordeste. Maceió. Edufal. 2003.
- BARBOSA, Wilson do Nascimento. Cultura negra e dominação. São Leopoldo; RS: Unisinos. 2002.
- BRANDÃO, Theo, O reisado alagoano. Maceió, EDUFAL. 1953.
- BEZERRA, E. Manifesto Sururu. Tribuna de Alagoas, Maceió, Divirta-se, 12-09-2004, p.5.
- BEZERRA, E. Configurações em torno de uma Identidade Ornamental: a emergente identidade cultural alagoana. Tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco. 2007.
- BEZERRA, E.J.G. & VASCONCELOS, D.A.L. de. Reflexões sobre modernidade, turismo e campo social no estado de Alagoas-Brasil. Revista Ibero Americana de Turismo, Penedo-AL, V. 2 (2). 2012, pp.146-158.
- BEZERRA, E & VIANA, Ernani. Imaginário Sururu: Um patrimônio a contrapelo. Revista Rosa dos Ventos – V. 6 N°1. 2014.
- BURKE, Peter. História e teoria social. São Paulo. Ed. Unesp.2012.
- CHAUÍ, Marilena. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo, Brasiliense. 1985.
- CAVALCANTI, Bruno César. “Bons e Sacudidos” – O carnaval negro e seus impasses em Maceió. Kulé kulé, NEAB/UFAL, Maceió, 2006.pp.34-37.
- CAVALCANTI, Bruno César. Ou o que tornou possível a glória dos velhos festejos de Momo em Maceió Um Carnaval se faz comhomens e litros! Disponível em: <http://gizetaweb.globo.com/gizetadealagoas/acervo.php?c=83419>. Último acesso em 22/05/2014.
- DUARTE, Abelardo. Folclore negro nas Alagoas: áreas de cana-de-açúcar pesquisa e interpretação. Maceió, EDUFAL. 2010.
- GINZBURG, Carlos. O queijo e os vermes, São Paulo, Companhia de Bolso. 2006.
- GRUPPI, Luciano. O conceito de hegemonia em Gramsci, Rio de Janeiro, graal. 1978.
- HOBSBAWM, Eric. (Organizador). A inversão das tradições. São Paulo, Paz e Terra. 2012.
- HOBSBAWM, Eric. Sobre História. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.
- HOBSBAWM, Eric. História Social do Jazz. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1990.
- LIMA, Carlos Eduardo Ávila Casado. A reinvenção do Maracatu em Alagoas no século XXI. UFAL. 2008.
- MELO, Luís Gustavo. A cor do som. Revista Graciliano, Maceió - Ano V – N° 13. Março/abril, 2012. p.102.
- ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo, Brasiliense. 2012.

RAMOS, Arthur. O Folclore Negro do Brasil. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

RAFAEL, Ulisses Neves. Xangô Rezado Baixo: um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912. Tese, UFRJ, 2004.

RODRIGUES, Donizete. Patrimônio cultural, Memória social e identidade: uma abordagem antropológica. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.

SILVA, Tadeu Tomaz, (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. São Paulo. Ed. Vozes.S 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem Preto Nem branco, Muito Pelo Contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo, Claro Enigma, 2012.

THOMPSON, E.P. Costumes em comum – Estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo. Companhia das letras, 1998.

i Entrevista com Pai Elias, representante do Maracatu Nação A corte de Airá, feita por Alicia Poliana Ferreira. 27/03/2014.

ii Transcrição da Entrevista feita com Christiano Barros por Eudson Santos, no dia 09 de Setembro de 2010, em Maceió.

iii Fala extraída do depoimento de Ari de Oliveira ativista cultural ligado ao movimento do HIP-HOP alagoano e atualmente ao movimento Reggae de Alagoas, durante a realização da I Roda de Conversa Enfrentamento ao Extermínio da Juventude Negra, realizada no MISA, Maceió-AL em 14/06/2014.

iv Transcrição da Entrevista feita com Wilson Santos sobre o Maracatu em Alagoas, feita por Carlos Eduardo Ávila, no dia 08 de Setembro de 2010.

v Transcrição da Entrevista feita com Everaldo Geraldo de Melo - Doté Elias por Alicia Poliana Ferreira, no dia 27 de Março de 2014, em Maceió.

vi Disponível em <http://coletivoafrocaete.blogspot.com.br/p/manifesto-afrocaete.html>. Último acesso em 23/05/2014.

vii Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=fybS_tU7WBE. Último acesso em 12/05/2014

viii Melo, Luís Gustavo. A cor do som. Revista Graciliano, Maceió - Ano V – N° 13. Março/abril, 2012. p.102.

ix Disponível em <http://blogdotrovaodasminas.blogspot.com.br/p/nacao-estrela-brilhante.html>. Último acesso em 12/05/2014.